

***“Ninguém se importa,
desde que a faxineira e o porteiro cheguem na hora...”***

Isabella Maio

[Assistente Social. Doutoranda em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

A frase que compõe o título desse texto não é minha. É de uma trabalhadora da Zona Oeste do Rio de Janeiro que, entre tantos trabalhadores dessa região da cidade, sofreram com a violência e o medo para voltar para casa depois de um dia de trabalho no último 23 de outubro.

[35 ônibus e 1 trem foram queimados pela cidade](#) (Leitão, Coelho e Alves, 23/10/23). Um protesto de milicianos pela morte de Faustão.

Não, não é o apresentador de televisão. É um miliciano com alto posto na hierarquia de uma organização de Santa Cruz.

Zinho, o líder da organização criminosa, era seu tio e chefiou os ataques à população.

Aí, o governador da cidade, Cláudio Castro, vem rapidamente a público dizer que não medirá esforços para prender os responsáveis; vem o Ministro da Justiça, Flávio Dino, anunciando que aumentará ainda mais as equipes federais que estão no Rio de Janeiro;

vem o prefeito, Eduardo Paes, dizer que os responsáveis por atear fogo nos coletivos, além de bandidos, são burros,

pois quem paga pelos prejuízos nos ônibus é o povo trabalhador;

e vem a imprensa calculando os prejuízos financeiros gerados pelos ataques.

E os trabalhadores aparecem aonde?

[A voz dos trabalhadores ecoa nas redes sociais](#) (O Globo, 24/10/23). Vídeos e fotos registrados dos próprios trabalhadores revelam o desespero de sair de um ônibus incendiado, o medo, a incerteza de voltar para casa são e salvo.

Muitos, sem opção, foram de carona em um caminhão cegonha.

Outros caminharam por horas, percorreram bairros inteiros para chegar em casa...

[Um motorista de ônibus foi internado com ferimentos no rosto e queimaduras de terceiro grau pelo corpo](#) (Alves, 24/10/23).

Pouco se falou sobre esse trabalhador e sobre a categoria dos motoristas que foram diretamente impactados com o ocorrido.

Quais as consequências de ataques como esses para a saúde mental desses trabalhadores?

No dia seguinte, mais problemas. Menos circulação de ônibus e mais sufoco para o trabalhador que não sabia se conseguiria chegar no horário para o trabalho. Para variar, pouca compreensão e empatia dos empregadores sobre a situação.

Frente ao medo, ao estresse e ao cansaço físico e emocional que esse episódio trouxe,

os trabalhadores identificaram o óbvio: Ninguém se importa!

Rio de Janeiro, há muito, um território em disputa entre milicianos, traficantes e o próprio Estado.

Impossível não traçarmos um paralelo entre o que acontece aqui e a guerra na faixa de Gaza,

[como ressaltou o próprio presidente da república](#) (Ismerim, 25/10/23). Impossível também não pensar nas desigualdades entre o Rio cartão-postal e o Rio que existe do outro lado do túnel, onde majoritariamente vivem os trabalhadores que constantemente sofrem com a violência urbana que vem de todos os lados, tanto dos poderes paralelos como do próprio Estado.

A luta por direitos básicos, como o direito de ir trabalhar, é constante e árdua.

Para trabalhadores moradores de comunidade então... a luta é ainda maior e mais invisibilizada.

Mas, como nos lembra a trabalhadora da Zona Oeste que dá título a esse texto:

“ninguém se importa, desde que a faxineira e o porteiro cheguem na hora...”

Escrevo dois dias após os ataques e aparentemente tudo voltou ao normal. Menos para a população da Zona Oeste, que segue com o déficit nos transportes e o medo constante do que pode acontecer a qualquer momento.

Junto aos trabalhadores chego também à conclusão óbvia: falhamos cotidianamente com eles, pois situações como essas são corriqueiras na vida dos trabalhadores moradores das zonas periféricas do Rio de Janeiro.

Perdemos a capacidade de nos indignarmos, de nos assombrarmos com situações como essa.

Enquanto isso os trabalhadores tocam o barco como dá e nós seguimos as nossas próprias rotinas sem pensar muito sobre o que aconteceu....

E a cidade segue sendo maravilhosa, mas nunca sendo nossa...

■ ■ ■